



Estátua de CHARLES DE FOUCAULD em Estrasburgo, França.  
(Foto: Rabanus Flavius | Wikimedia Commons)

quem foi

# Charles de Foucault?

(1858-1916)

Por qualquer padrão convencional, a vida de CHARLES DE FOUCAULD (1858-1916) – soldado, explorador, monge e, por fim, ermitão no deserto – acabou num fracasso. Por altura da sua violenta morte, num canto remoto do Sara, ele não publicou qualquer escrito espiritual; não fundou nenhuma congregação, nem atraiu seguidores. Não poderia reivindicar a responsabilidade de qualquer conversão. Mesmo assim, o seu testemunho perdura. Hoje, muitos se recordam dele como uma das grandes figuras espirituais do século XX, um profeta cujas mensagens se apresentam mais claramente como desafios para o nosso tempo, do que para o seu. Com a sua beatificação em treze de novembro, a Igreja pretenderá reconhecer, oficialmente, o seu significado como um daqueles que, periodicamente, tentam reinventar a imitação de Cristo de uma forma adequada às necessidades do seu tempo, e assim convidar outros a ler o Evangelho de uma nova forma.

O visconde CHARLES DE FOUCAULD nasceu no seio duma família orgulhosamente aristocrática, em Estrasburgo, França, em 1858. Órfão aos seis anos de idade, foi criado pelo avô, um coronel aposentado do exército, que o encaminhou para a carreira militar. A vida no exército não combinava com ele. Formou-se na academia no último lugar da sua classe, e ganhou a reputação de um *playboy* decadente. Enviado à Argélia, foi despedido do exército, na sequência de um escândalo no qual tentou fazer-se passar pela viscondessa de Foucauld.

A vantagem do seu serviço militar foi permitir-lhe adquirir um fascínio pelo deserto do Norte da África, ao qual retornou sob a égide da Sociedade Geográfica Francesa, para empreender uma perigosa exploração em Marrocos. Foi aí que a experiência de piedade muçulmana ajudou a promover em Carlos uma recuperação dramática da sua fé católica, mudando o seu carácter e a sua vida para sempre. ***“Assim que acreditei na existência de um Deus”,*** escreveu ele mais tarde, ***“entendi que não poderia fazer outra coisa senão viver para ele. A minha vocação religiosa data do mesmo momento do aparecimento da minha fé.”***

Uma peregrinação pela Terra Santa, seguindo os passos de Jesus nas próprias cidades e campos por onde ele havia caminhado, causou-lhe um impacto profundo. Posteriormente, Foucauld entrou para os trapistas, e passou vários anos num mosteiro na Síria. Mas a vida monástica convencional não o satisfaz. Se há um *insight* essencial que impressionou Foucauld, foi o facto de Jesus, o Filho de Deus, ter sido homem pobre e trabalhador. Como carpinteiro em Nazaré, Jesus, nessas circunstâncias humildes, concretizou a mensagem do Evangelho na sua totalidade, antes mesmo de a anunciar por palavras. Esta percepção tornou-se a chave, não apenas para a sua interpretação do Evangelho, como também para a sua própria vocação pessoal.

No início, tentou colocar essa perspectiva em prática de forma bastante literal. Durante três anos trabalhou como servo num convento das

Clarissas em Nazaré, morando no mesmo lugar onde Jesus havia passado trinta anos da sua vida, e onde, agora, tinha a inexprimível e profunda felicidade de limpar excrementos. Mas, eventualmente, apercebeu-se de que Nazaré podia estar em qualquer lugar. Assim, depois de solicitar a ordenação, voltou para a Argélia, para o oásis de Béni-Abbès, na fronteira com o Marrocos. O seu objetivo era desenvolver um novo modelo de vida religiosa, uma comunidade de Pequenos Irmãos, que vivessem entre os pobres, com espírito de serviço e solidariedade orante. Nas constituições que elaborou para a sua ordem previa-se que fosse a vida a proclamar o Evangelho do alto... que isso não fosse feito através das nossas palavras, mas por meio das nossas vidas”.

Foucauld passou quinze anos no deserto. Quando descobriu que o remoto Béni-Abbès estava a ficar muito congestionado, buscou maior solidão em Tamanrasset, um pequeno posto avançado no acidentado Hoggar. Foi aí, no primeiro de dezembro de 1916, que conheceu a morte, assassinado pelos rebeldes tuaregues.

Foucauld passou muitos anos a conceber e a preparar o caminho para seguidores que nunca chegaram. Poderia muito bem ter morrido com pouco sentido de realização, se a sua espiritualidade não o tivesse treinado para olhar para além das aparências externas. Na sua famosa “**Oração de Abandono**”, escreveu: “**Pai, abandono-me nas tuas mãos, faz de mim o que quiseres. Por tudo o que fizeres, eu te agrade-**

**ço. Estou pronto para tudo, aceito tudo, deixa, apenas, que a tua vontade se cumpra em mim, como em todas as tuas criaturas”.**

Ao fim e ao cabo, no entanto, as reverberações do testemunho solitário de Foucauld alcançaram um efeito considerável. Em 1933, muito depois de sua morte, René Voillaume e quatro companheiros partiram da França para o Sara. Seguindo o exemplo de Foucauld, transformaram-se no núcleo dos Pequenos Irmãos de Jesus. Alguns anos depois, juntaram-se a eles as *Pequenas Irmãs de Jesus*, fundadas por Madeline Hutin. Ambas as fraternidades, e os seus vários ramos, gradualmente se espalharam por todo o mundo, com as suas pequenas comunidades a ganhar vida entre **os pobres e os marginalizados**, primeiro no **Deserto do Sara** e, finalmente, em muitos cantos obscuros do globo.

A influência e o desafio de Foucauld vão muito para além do número dos seus seguidores. A sua ênfase na vida oculta de Jesus tem implicações em muitos aspetos da vida cristã, hoje em dia. Por exemplo, ele antecipou um novo modelo de vida contemplativa, não enclausurada em mosteiros, mas no meio do mundo. Deste modo, superou as divisões artificiais entre o mundo religioso e o secular, apontando para um caminho de santidade acessível a todos, em qualquer deserto que nos encontremos.

A abordagem da missão de Foucauld é, particularmente, significativa. Em contraste com modelos triunfalistas do seu tempo, Foucauld

exemplificou o que se tornou conhecido como o evangelismo da presença, um testemunho para encontrar pessoas de outras fés, numa base de igualdade e respeito mútuo. Embora o seu ascetismo fosse extremo para o padrão da maioria dos missionários, ou mesmo de monges trapistas com quem ele conviveu, durante algum tempo, na Síria, ele abraça, essencialmente, a pobreza dos que o rodeiam. Foucauld queria arcar com o testemunho do Evangelho vivendo-o, sendo amigo e irmão de todos. Sabia quanto a Igreja perdia credibilidade no seu testemunho, apresentando-se a um nível e com um *status* e conforto muito superior ao dos pobres.

Estamos-nos a aperceber, hoje como nunca, da necessidade particular de um melhor entendimento entre cristãos e muçulmanos. O próprio Foucauld foi morto por membros de uma seita muçulmana cujo zelo fundamentalista tem, hoje em dia, contrapartidas óbvias. Mais ainda: se o caminho de Foucauld, no passado, houvesse sido mais característico do encontro entre cristãos e muçulmanos, quem pode garantir que a história não tivesse sido diferente? Numa época em que o cristianismo deixou de ser sinónimo de extensão da civilização ocidental e do poder colonial, o **testemunho de Foucauld** – pobre, desarmado, despojado de tudo, não contando com outra autoridade a não ser a do poder do Amor – pode muito bem representar a face da igreja futura: uma igreja enraizada na memória

das suas origens e do seu pobre fundador.

Depois de um século exausto por grandes projetos, guerras mundiais e exibições ostentosas, a apreciação de Foucauld pelo valor dos meios imperceptíveis, objetivos modestos e a vida oculta de fé e caridade, exerce um desafio poderoso e subversivo. Lembra-nos, entre outras coisas, que o próprio Cristo trilhou o caminho do aparente fracasso, escolhendo o que é baixo e desprezado no mundo, mesmo o que não é, para reduzir a nada o que é (1 Cor 1, 28).

Pouco antes de sua morte, Foucauld resumiu a sua espiritualidade num breve testamento. Descreve uma abordagem da missão, uma forma de testemunho do Evangelho, ao alcance de cada pessoa, em qualquer circunstância: ***“Jesus veio a Nazaré, lugar da vida oculta, da vida quotidiana, da vida familiar, da oração, do trabalho, obscuridade, virtudes silenciosas, praticado sem testemunhas a não ser Deus, seus amigos e vizinhos. Nazaré, o lugar onde a maioria das pessoas vive as suas vidas. Devemos respeitar, infinitamente, o menor dos nossos irmãos... vamos misturarnos com eles, sejamos um deles na medida que Deus quiser... e tratemo-nos fraternalmente, para termos a honra e a alegria de sermos aceites como um deles”***

ROBERT ELLSBERG, editor-chefe da *Orbis Books*, em artigo publicado por *America*, 14-11-2005.



# Charles de Foucauld: no coração das massas.

## Artigo de GIOVANNI BATTISTA MONTINI, futuro Papa Paulo VI

**E**M JUNHO DE 1953, HÁ POUCOS MESES À FRENTE DA SECRETARIA DE ESTADO DO VATICANO, como pró-secretário de Estado para os assuntos ordinários, **GIOVANNI BATTISTA MONTINI** – que, exatamente, dez anos depois, se tornaria papa, assumindo o nome de **Paulo VI** – escreveu o prefácio de um livro que permaneceu inédito e foi publicado quase meio século mais tarde, em 1998.

O pedido tinha chegado ao alto prelado vindo da parte de **René Voillaume**, fundador e prior geral dos **Irmãozinhos de Jesus**, inspirados na pessoa de **CHARLES DE FOUCAULD**. O religioso francês (1905-2003) tinha pedido que **Montini** escrevesse o prefácio à segunda edição da tradução italiana do *Au coeur des masses. La vie religieuse des Petits Frères du père de Foucauld* [*No coração das massas. A vida religiosa dos Irmãozinhos do Padre De Foucauld*].

O livro, cuja primeira edição fora publicada, em França, em 1950 e, a segunda, dois anos depois, tinha sido, recentemente, lançado na Itália com o título *Come loro. La vita religiosa dei Piccoli fratelli di Padre de Foucauld* [*Como eles. A vida religiosa dos Irmãozinhos do Padre De Foucauld*] (Roma, 1952).

Foi já perto do fim da guerra que **Montini** teve oportunidade de conhecer **Voillaume** e, com ele, **Magdeleine Hutin**, fundadora das **Irmãs de Jesus**. Foi o início de uma relação e de uma amizade que continuaram, mesmo depois da eleição para papa, cuja primeira referência se pode observar neste prefácio, que publicamos na íntegra.

**E**M 1968, O FUNDADOR DOS **Irmãozinhos** pregou os Exercícios Espirituais no Vaticano redigindo, a partir daí, um livro publicado na **França**, no ano seguinte, e, imediatamente, traduzido em italiano (*Con Gesù nel deserto*

[Com Jesus no deserto], Bréscia, 1969), com um prefácio de **Virgilio Levi**, naqueles anos secretário de redação do *L'Osservatore Romano*.

Para compreender estas páginas será preciso possuir algum conhecimento da singular figura de asceta e

de místico no qual elas se inspiram, de **CHARLES DE FOUCAULD**, ou, como ele já é chamado pelos seus seguidores, **Charles de Jesus**. Tornou-se eremita missionário, depois de ter sido oficial do Exército colonial francês e, depois de se ter convertido ao fervor da vida cristã, se ter amestrado e fascinado pelo misterioso encanto do deserto africano; depois, peregrino na **Terra Santa**, fez-se trapista, vagueou entre a **Arménia** e **Roma**, abandonou a ordem para retornar à **Palestina** e, de lá, passar novamente à **França**, onde, ordenado sacerdote, voltou para a **África**, que se tornara já a sua pátria espiritual, e lá viveu anos de vida paupérrima, prestando assistência, tornando-se, também ele, nómada, às tribos muçulmanas; depois, estabeleceu-se no oásis de **Tamanrasset**, no **Hoggar**, para terminar a sua ambicionada corrida terrena assassinado, às portas do seu eremitério, pelos mesmos a quem levava, duma forma plena e benéfica, o humilde dom da sua amizade: era o dia primeiro de dezembro de 1916.

Uma vida tão variada e atormentada, tão itinerante e, ao mesmo tempo, tranquila, solitária e ávida de encontros espirituais, agitada por múltiplas experiências e aventuras estranhas, e tornada através delas ainda mais simples e recolhida, tão gradualmente despojada de tudo e, ao mesmo tempo, progressivamente, rica em bondade e em amor, desconcertante e atraente, desponta como uma ténue luz entre as milhares de luzes fátuas do nosso século e, pouco a pouco, enquanto ela se afasta no

tempo, torna-se um farol e marca um caminho.

Este mesmo caminho é agora percorrido pelo padre **Renato Voillaume**, prior geral dos **Irmãozinhos de Jesus**, que exorta com estes escritos as suas humildes comunidades, as “fraternidades”, já que o espírito de Charles de Jesus é de recente origem. Nasce, assim, um volume de espiritualidade que vem enriquecer a literatura religiosa com uma notabilíssima contribuição.

Mais do que um tratado, mais do que um livro, esta coleção de escritos ocasionais é um documento de vida religiosa, surgido do exemplo corajoso e maravilhoso do asceta do **Sara**, que prova a perene capacidade da **Igreja Católica** de gerar autênticos seguidores de **Cristo**, gerando espanto e alegria pela singularidade do fenómeno religioso que ele descreve, suscitando inquietação e fascínio pela profundidade e pela simplicidade espiritual a que ele se refere, e oferecendo um código de ascese evangélica, impulsionada, por um lado, por expressões primitivas e genuínas da tradição monástica, e inserida, por outro, nas mais elementares condições de existência e de atividade de humildes classes sociais.

A obra trata de uma quantidade de questões relativas à perfeição religiosa, às virtudes que lhe são próprias, à pobreza e à caridade especialmente, à santificação alimentada pela celebração das festas litúrgicas, aos grandes temas da ascética e da mística, à análise da alma humana sedenta de união com Deus e guiada pelas lições evangélicas, ao

serviço e ao amor ao próximo, à abnegação de si, à visão do mundo e da vida, no grande e lúcido quadro da sabedoria do Mestre divino: o trabalho e a oração, o silêncio e a palavra, a solidão e a socialidade, o recolhimento e a amizade, o valor do tempo e o da eternidade, a liberdade de espírito e a obediência fácil e espontânea, o conhecimento das misérias humanas e a estima do homem, a tranquilidade e a coragem, a arte de sofrer e, ao mesmo tempo, de gozar, a independência do mundo e a ânsia de o salvar, o desapego das criaturas e a capacidade de saborear a sua linguagem e a sua beleza, e tantos outros temas, diversos e levados a uma harmonia interior, que são apresentados nestas páginas, e que demonstram aquela ampla informação doutrinal e aquela experiência pessoal que dão crédito e interesse incomuns a um livro.

Sobre tantas coisas poderão os doutos discutir e os especialistas comentar; não queremos aqui fazer um julgamento.

Bastará, entretanto, para recomendar o volume à atenção dos leitores italianos, referir algumas circunstâncias que podem abrir o caminho a um favorável acolhimento. A pobreza, acima de tudo, da maior parte do clero italiano: ela precisa de providências, sobre as quais não é altura de discorrer, aqui e agora; mas ela funciona, em si mesma, como uma veste, pois outra melhor não poderia ser-lhe reconhecida, para qualificar como admirável o seu quotidiano desinteresse, e para o dispor ao exercício do seu ministério,

na forma mais propícia a torná-lo convincente, e para lhe dar dignidade e mérito de autenticidade evangélica. Portanto, assim considerada, a pobreza pode fazer da mais humilde e despojada vida eclesiástica um exercício de santidade, que, facilmente, encontrará nas páginas deste livro, reconfortantes analogias, interpretações apropriadas, exemplos prementes.

E o benefício de tal exortação à santidade atraída pela pobreza será ainda maior se uma intenção, igualmente moderna assim como urgente, de evangelização do povo, for acrescentada à do desapego dos bens materiais; isto é, a intenção que abre os olhos ao estado de abandono espiritual de enormes camadas de populações, tanto urbanas como rurais, e que orienta o apóstolo da sociedade presente para os subúrbios, religiosamente, mais desolados, para os centros de trabalho e de tráfego mais profanos, para os campos mais remotos das freguesias, intenção que deixou de estar concentrada no templo e em Deus, para se dedicar ao mundo e ao homem.

Também por causa desta aventurosa penetração pastoral, que faz do padre e do leigo desejosos da salvação do próximo, autênticos missionários, a escolha das Fraternidades de **CHARLES DE FOUCAULD** oferece magníficas lições de coragem, de sabedoria, de caridade. E mostra, em exemplos que apresentam o paradoxal aspeto do heroísmo habitual, como a evangelização da doutrina e da graça deve ser prévia à, ou concomitante com a evangelização da

vida daqueles que pregam e personificam **Cristo**.

Diante do leitor estupefato, passam visões distantes, muito frequentemente confinadas ao campo da reminiscência e da fantasia: são os apóstolos enviados por Jesus à sua primeira experiência do anúncio do Reino de Deus, “*sine pera, sine calceamentis*”; são as estranhas figuras dos primeiros eremitas, exilados voluntários no deserto, precursores do futuro mosteiro e do futuro vilarejo cristão; são os frades medievais que, adornados com a pobreza e a alegria, se dedicam a restaurar no mundo a esperança da era cristã; são os peregrinos corajosos que atravessam continentes e oceanos para levar a boa nova às paragens mais distantes; e hoje são, finalmente, os irmãos-zinhos de Jesus que, deixando de lado as obras já organizadas, as cidades já construídas, a civilização já estabelecida, se dedicam a ser silenciosos e modestos pioneiros do amor cristão.

Esse instinto da mais humilde evangelização, transformou-se, hoje em dia, num ideal, conferindo aos seguidores de **Charles de Jesus** o seu talento religioso: saem dos hábitos comuns para conservar a tradição evangélica; renunciam à veste digna, para assumir a da fadiga miserável e dura; abandonam as comunidades bem organizadas em colégios impositivos, para criar pequenos grupos de amigos que trabalham, rezam e vivem juntos; repudiam qualquer distinção exterior para se assemelharem

às humildes camadas sociais, no seio das quais escolheram viver; fazem da renúncia, da humildade, da paciência, um instrumento de pregação silenciosa, uma possibilidade de amizade e de apostolado; mas conservam, sobretudo, no íntimo do coração e no refúgio de paupérrimas habitações, uma assídua, uma ardente piedade de contemplativos e de adoradores e, alcançando, assim, a defesa da vulgaridade circundante, a capacidade de difundir onde vivem o inefável perfume de Cristo.

Quantos sacerdotes, quantos religiosos e religiosas, quantos bons fiéis, num país tão pobre em riquezas económicas como a Itália, e tão rico em património espiritual, fazem com que a sua vida transcorra, por generosa opção e por força das circunstâncias, em condições quase análogas às que a ousada vocação dos Irmãozinhos prefere para o desenvolvimento da sua espiritualidade; quantas almas, portanto, que anseiam pelo seguimento do Mestre, irão encontrar nas páginas do padre **Voi-laume** uma autêntica lição de santidade.

E, para que assim seja, enquanto a negação de Deus, o materialismo revolucionário, o anticlericalismo político, se entrincheiram atrás da miséria, do sofrimento, da abjeção social, as páginas deste livro, são oferecidas ao público católico italiano como escola, como exemplo de uma bem diferente transfiguração cristã da fadiga humana, como sinal de coragem e de esperança.





*“Como era dia da espiga, pelas veredas que as terras demarcavam, os grupos da gente operária com exércitos de pequenada, iam entre as searas, serpenteando com fatos de domingo, para colher o ramilhete de papoilas e espigas, que no dizer da lenda lhes traria ao ninho, felicidades e paz.”*

(F. Almeida, 1882, p. 74).

# Dia da espiga

**O DIA DA ESPIGA** ou **QUINTA-FEIRA DA ESPIGA** coincide com a **FESTA DA ASCENSÃO**. Na tradição cristã, esta festa móvel celebra a elevação de Cristo aos céus, quarenta dias após a Ressurreição e marcando o fim da sua presença junto aos homens. Conforme o dito

popular: “da Páscoa à Ascensão, quarenta dias vão “. A contagem dos dias após o Domingo de Páscoa implica que a festa calhe sempre à quinta-feira e, geralmente, no mês de maio, na décima-quarta semana da Páscoa (cfr. Actos 1, 3). Esta é uma festa dita ecuménica, no sentido em que é comemorada

por todas as igrejas de matriz cristã. Não havendo registos anteriores ao século V, a Festa da Ascensão é mencionada por João Crisóstomo, Gregório de Níssa e Santo Agostinho, que afirma a sua origem apostólica e uma prática generalizada desde os tempos da Igreja primitiva.

O calendário cristão recuperou e cristianizou as festas pagãs do Império Romano, comuns às culturas do Mediterrâneo e relacionadas com o ciclo natural das estações do ano e da faina agrícola, conferindo-lhes um novo cariz religioso. O Dia da Espiga, na quadragésima da celebração da Páscoa, coincide com o renascimento da natureza pela Primavera, celebrando o eclodir da vida nos campos após o Inverno, e consiste num ritual propiciatório para boas colheitas. É este o aspeto que permanece na tradição popular.

Na Grécia Clássica, esta era uma altura de grandes festejos em honra de Deméter (Ceres, na mitologia Romana), deusa da agricultura e das searas, e da sua filha Perséfone (ou Prosérpina), deusa do trigo, da germinação, dos rebentos e das folhas. Ganharam reputação as Festas

Demétrias (sobretudo, na cidade de Elêusis, onde tomavam o nome de Grandes Eleusínias), celebrando o aparecimento primaveril de Perséfone que, após o cativeiro no sombrio submundo das trevas durante o Inverno, subia agora à terra germinante de vegetação propiciando as boas colheitas.

O Dia da Espiga era também dito o Dia da Hora, em referência ao meio, hora em que, segundo a crença “as águas dos ribeiros não correm, o leite não coalha, o pão não leveda e as folhas se cruzam”. Esta crença é igualmente uma reminiscência de simbolismos ancestrais que configurava esta festa de particular sacralidade, sendo nalguns lugares considerado o santo mais dia do ano, e em que o trabalho ficava interdito. A única tarefa permitida à hora do meio-dia era a colheita das plantas para os ramos e outras ervas medicinais.

“No Sul do País, a data é conhecida pela designação de «Dia da Espiga»: as pessoas saem para os campos, para apanharem a «espiga», isto é, arranjam um raminho, que enquadra fundamentalmente

uma espiga de trigo e um ramo de oliveira, e que se compõe, além destas espécies, de espigas, a preceito, de outros cereais – centeio, cevada, aveia, etc. -, e também rosas, papoilas, malmequeres, margaridas, pampilhos, ou outras flores campestres, em número e combinações variáveis conforme as localidades, mas certas em relação a cada uma, que se pendura dentro de casa, na parede da cozinha ou da sala, e aí se conserva um ano, até ser substituído pela «espiga» do ano seguinte, e a que, colhida nesse dia, se associa a uma ideia expressa de virtude benfazeja.” (Oliveira, 1984, p. 113).

A simbologia das plantas confere-lhe atributos que perduram ao longo do ano, sendo o ramo tradicionalmente pendurado atrás da porta principal da casa, onde fica até ser substituído no ano seguinte por um novo ramo.

As espigas, de trigo, centeio, aveia, ou qualquer outro cereal, devem ser em número ímpar e são a parte mais importante do ramo. Representam o pão, como a base do sustento da família, e a fecundidade. A papoila é a parte

mais garrida do ramo, mas também a primeira a murchar e a desaparecer, representa o amor e a vida. O malmequer, com o branco da prata e o amarelo do ouro, simboliza a riqueza e os bens terrenos. O ramo de oliveira, sendo um símbolo da paz, é também o símbolo da luz, dado que dela se obtém o azeite que alumia e, por extensão, alude à sabedoria divina. O alecrim, pelo seu cheiro forte e duradouro e pelas suas características resistentes, significa a força e garante a saúde.

Se hoje em dia, se perdeu o costume de ir ao campo apanhar as flores benfazejas, surgem nas cidades as vendedeiras com os ramos já feitos, prontos a ser pendurados dentro das nossas casas com a firme esperança de que nos tragam pão, dinheiro, amor e paz.

### **Bibliografia:**

Almeida, F. (1882). *A cidade do vício*. Porto: Ernesto Chardron.

Oliveira, E. V. 1984. *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

<https://amusearte.hypotheses.org/3883>  
(30.05.19)

# na Ascensão

E deixas, Pastor santo,  
tua grei neste vai' profundo, escuro,  
com solidão e pranto;  
tu, rasgando o ar puro,  
vais para o imortal lugar seguro?

Os antes bem fadados  
e os agora tristes e afligidos,  
a teus peitos criados,  
de ti despossuídos,  
— para onde voltarão os seus sentidos?

Que poderá olhar  
quem viu de teu rosto a formosura,  
que não seja pesar?  
Quem te ouviu a doçura,  
que não terá por ruído e desventura?

A este mar turbado  
quem pode pôr-lhe freio? Quem concerto  
ao vento fero, irado?  
Se ficares encoberto,  
que Norte guia a nave ao porto certo?

Ai, nuvem invejosa  
de nosso gozo, — porque te afadigas?  
Onde vais pressurosa?  
Quão rica te desligas!  
Quão pobres, cegos, ai!, nos desabrigas!

**Frei Luis de León**  
(1527-1591)

*O dia d'a espiga. A. Rey Colaço, c. 1920 (?)*

